

força a usar da palavra o movimento grevista da sua classe e a fórmula como pela Câmara têm sido recebidas as reclamações dos operários.

O que a Câmara tem feito — diz o orador — é a maior das infâmias. A nota trazida à público é a maior afronta dos governantes aos operários do município e a todo o proletariado de Lisboa.

A Câmara não tem verba para atender as reclamações do seu pessoal, mas tem dinheiro para pagar a quem o substitui para furar a greve!

O que é digno de registo é que os socialistas de que a Câmara se compõe, não são os menores inimigos dos operários.

Haja em vista — acrescenta — o procedimento do sr. José Cândido dos Santos, que ameaçou os operários de que seria mobilizado o serviço dos cemitérios se os grevistas não retomassem o trabalho.

Termina apresentando a seguinte proposta que a multidão admite com calorosos vivas aos operários municipais e greves:

verdade se encontra à prova de desmontamento. Não seria rigoroso dizer-se que a casa estava à cunha ou que a loção estava completa. Mais do que isso, não havia materialmente o espaço para mais um. Nas frases, nos camarares, na plateia e nos balcões, nas galerias, nas coxas e corredores, tudo era a mesma compacta multidão, o mesmo mar de gente sinuoso, moedrício, rumoroso. Tinha um aspecto assim o teatro São Luís, na noite de ante-ontem. Era a festa em homenagem a *A Batalha*, que um grupo de amigos nossos se lembrava de promover. E previsto estava que ela reverestaria um aspecto de inédita grandiosidade. Toda a casa se vendera nos primeiros dias em que os bilhetes foram postos à venda. O entusiasmo ia crescendo à medida que o grande dia se aproximava. E chegado esse, assumiu proporções verdadeiramente extraordinárias. Grande noite a de *A Batalha*. Noite de arte, noite de triunfo e de glória operária!

O teatro São Luís

vistosamente ornamentado com as bandeiras sindicais

Como fôra combinado, as direções dos vários sindicatos de Lisboa ocupavam um grande número de camarotes, e elas deixavam pendêr as bandeiras sindicais respectivas. Em virtude disso, a vasta casa de espetáculos, onde tantas artísticas festas se tem realizado, ficou com uma apariência inteiramente nova. Sentia-se a gente entre os seus, num ambiente caracterizadamente operário. Rostos familiares de amigos, de camaradas, de companheiros de luta e de labor, surgiam a cada momento.

Considerando que, embora a Comissão Administrativa tenha dito nas suas notas oficiais que os serviços municipais se vão normalizando com prazos do exército e bombeiros voluntários, elas não se podem normalizar com facilidade, pois que serviços há que exigem uma grande prática para o seu desenvolvimento.

O conselho resolve, prestar ao pessoal do município em greve todo o seu apoio para a rápida solução do conflito a favor dos grevistas, como é de toda a justiça.

Falam ainda: Alfredo Lopes, pela Federação da Construção Civil, que se refere aos movimentos políticos nos 8 anos de república e às consequências que as lutas políticas tem trazido para o proletariado português.

(Como se) compreende, exclama, que o governo liberal que hoje se situa nas cadeiras de sua indústria, e as consequências que as lutas políticas tem trazido para o proletariado português.

Só assim se comprehende que o governo actual se torna címplice do sionismo, mantendo nas colônias centenas de trabalhadores deportados como vaadios.

Devem impôr-se os trabalhadores organizados para reclamar o imediato regresso à metrópole de todos aqueles camaradas.

Alexandre Tomás, pela União Textil, refere-se à crise da sua indústria, e termina por dizer que a única solução possível seria a socialização das fábricas em todo o país.

Alfredo Marques, pela Federação Mobiliária, refere-se ao 1º de Maio e sua significado.

Os trabalhadores portugueses devem seguir os operários de todo o mundo nas lutas pela sua completa emancipação.

Propõe que se abram questões para audir as famílias dos camaradas que em África sofrem as perseguições da burguesia.

Esta ideia é aplaudida, sendo imediatamente posta em prática por uma comissão composta dos delegados da Federação da Construção Civil, Indústria Mobiliária, Sindicato Único da Metalmecânica e Operários do Município. Esta questão rendeu 32\$33, que foram entregues à U. O. N.

Armando Martins, pelo pessoal da Carris de Ferro, relata as marchas efectuadas para a solução do conflito levando ontem por intermédio da Companhia para com as reclamações da classe.

Júlio Carrasquinho, pela Federação Nacional Corticeira, refere-se também ao movimento da sua classe cujas tradições revolucionárias lhe impõem no futuro de grandes reivindicações.

Artur Parente, pela U. S. O., mostra a necessidade de levantarmos uma campanha energética onde no go é no seja afirmado que «os os preços regrassam à metrópole ou nós iremos todos para a África».

«Que todos se convengam disto: os trabalhadores se unem para agir contra as perseguições de que são vitimas ou continuam estavos, toda a vida.

«Não queremos já as oito horas que nos oferecem. Queremos a terra que nos pertence, as oficinas e as máquinas. Apoiados vibrantes.

«Não queremos ser patrões, mas não estamos dispostos a continuar escravos.»

Artigo dezoito da constituição da república dos Soviéticos — grifa a assembleia.

Manuel Afonso, representante da U. O. N., encerra o comício.

Volta por fim a filar Manuel Afonso que, em vista de não haver mais oradores inscritos, encerra o comício d'pois de várias considerações sobre a imponência deste 1.º de Maio. Saliente o gesto das classes de corvos e ítagos, quadros dos jornais e barbeiros que resolveram paralizar o trabalho.

As conclusões da moção dos operários do município que é aprovada, depois de um camarada bombei o comunicar que a sua classe declarou à Câmara que não se prestaria a furar greves.

Por fim é aprovada por aclamação a proposta da U. O. N., com fortes vivas à U. O. N., à U. S. O., aos preços sociais e à revolução social.

Durante o comício foram recebidos os seguintes telegramas:

EVORA, 1.º — A União dos Sindicatos de Evora reuniu em comício imponente, com o comércio fechado, sauda o proletariado internacional.

LEIRIA, 1.º — Os operários de Leiria apoiam as reivindicações do comício operário de Lisboa.

CHEGADA, 1.º — As classes proletárias, reunidas em comício público, saudam o proletariado de Lisboa. Viva a emancipação operária! — O presidente da mesa.

A festa em homenagem a *A Batalha*,

depois no meio do maior entusiasmo e assume aspectos de singular imponência.

Não sabemos em que condições de tédio está construído o teatro São Luís; mas inferimos que se ele não veio baixo só o peso da multidão que o pôs aí.

Um solo de harpa.

Terminados que foram os números de Flaviano Rodrigues, surge no palco a figura gentilmente insinante da professora Sr. D. Cecília Borba da Costa.

Vamos apreciar o encanto raro da

verdadeiro mar de cabegas. As bandei-

ras vermelhas tremulavam ao sopro de um vento brando e daquele mar huma-

no erguiam-se inúmeras aclamações a

que o pejava é porque em

verdade se encontrava à prova de desmontamento. Não seria rigoroso dizer-se que a casa estava à cunha ou que a loção estava completa. Mais do que isso, não havia materialmente o espaço para mais um. Nas frases, nos camarares, na plateia e nos balcões, nas galerias, nas coxas e corredores, tudo era a mesma compacta multidão, o mesmo mar de gente sinuoso, moedrício, rumoroso. Tinha um aspecto assim o teatro São Luís, na noite de ante-ontem. Era a festa em homenagem a *A Batalha*, que um grupo de amigos nossos se lembrava de promover. E previsto estava que ela reverestaria um aspecto de inédita grandiosidade. Toda a casa se vendera nos primeiros dias em que os bilhetes foram postos à venda. O entusiasmo ia crescendo à medida que o grande dia se aproximava. E chegado esse, assumiu proporções verdadeiramente extraordinárias. Grande noite a de *A Batalha*. Noite de arte, noite de triunfo e de glória operária!

O que é digno de registo é que os socialistas de que a Câmara se compõe, não são os menores inimigos dos operários.

Haja em vista — acrescenta — o procedimento do sr. José Cândido dos Santos, que ameaçou os operários de que

seria mobilizado o serviço dos cemitérios se os grevistas não retomassem o trabalho.

Termina apresentando a seguinte proposta que a multidão admite com calorosos vivas aos operários municipais e greves:

Considerando que a greve do pessoal do Município de Lisboa está latente, com bastante prejuízo para os serviços municipais em consequência das poucas diligências que a Comissão Administrativa da Câmara tem empregado para solucionar este con-

siderando que, embora a Comissão Administra-

tiva tenha dito nas suas notas oficiais que os serviços municipais se vão

normalizando com prazos do exército e bombeiros voluntários, elas não se podem normalizar com facilidade, pois que serviços há que exigem uma grande prática para o seu desenvolvimento.

O conselho resolve, prestar ao pessoal do município em greve todo o seu apoio para a rápida solução do conflito a favor dos grevistas, como é de toda a justiça.

Falam ainda: Alfredo Lopes, pela Federação da Construção Civil, que se refere aos movimentos políticos nos 8 anos de república e às consequências que as lutas políticas tem trazido para o proletariado português.

(Como se) compreende, exclama, que o governo liberal que hoje se situa nas cadeiras de sua indústria, e as consequências que as lutas políticas tem trazido para o proletariado português.

Só assim se comprehende que o governo actual se torna címplice do sionismo, mantendo nas colônias centenas de trabalhadores deportados como vaadios.

Devem impôr-se os trabalhadores organizados para reclamar o imediato regresso à metrópole de todos aqueles camaradas.

Alexandre Tomás, pela União Textil, refere-se à crise da sua indústria, e termina por dizer que a única solução possível seria a socialização das fábricas em todo o país.

Alfredo Marques, pela Federação Mobiliária, refere-se ao 1.º de Maio e sua significado.

Os trabalhadores portugueses devem seguir os operários de todo o mundo nas lutas pela sua completa emancipação.

Propõe que se abram questões para audir as famílias dos camaradas que em África sofrem as perseguições da burguesia.

Esta ideia é aplaudida, sendo imediatamente posta em prática por uma comissão composta dos delegados da Federação da Construção Civil, Indústria Mobiliária, Sindicato Único da Metalmecânica e Operários do Município. Esta questão rendeu 32\$33, que foram entregues à U. O. N.

Armando Martins, pelo pessoal da Carris de Ferro, relata as marchas efectuadas para a solução do conflito levando ontem por intermédio da Companhia para com as reclamações da classe.

Júlio Carrasquinho, pela Federação Nacional Corticeira, refere-se também ao movimento da sua classe cujas tradições revolucionárias lhe impõem no futuro de grandes reivindicações.

Artur Parente, pela U. S. O., mostra a necessidade de levantarmos uma campanha energética onde no go é no seja afirmado que «os os preços regrassam à metrópole ou nós iremos todos para a África».

Esta ideia é aplaudida, sendo imediatamente posta em prática por uma comissão composta dos delegados da Federação da Construção Civil, Indústria Mobiliária, Sindicato Único da Metalmecânica e Operários do Município. Esta questão rendeu 32\$33, que foram entregues à U. O. N.

Armando Martins, pelo pessoal da Carris de Ferro, relata as marchas efectuadas para a solução do conflito levando ontem por intermédio da Companhia para com as reclamações da classe.

Júlio Carrasquinho, pela Federação Nacional Corticeira, refere-se também ao movimento da sua classe cujas tradições revolucionárias lhe impõem no futuro de grandes reivindicações.

Artur Parente, pela U. S. O., mostra a necessidade de levantarmos uma campanha energética onde no go é no seja afirmado que «os os preços regrassam à metrópole ou nós iremos todos para a África».

Esta ideia é aplaudida, sendo imediatamente posta em prática por uma comissão composta dos delegados da Federação da Construção Civil, Indústria Mobiliária, Sindicato Único da Metalmecânica e Operários do Município. Esta questão rendeu 32\$33, que foram entregues à U. O. N.

Armando Martins, pelo pessoal da Carris de Ferro, relata as marchas efectuadas para a solução do conflito levando ontem por intermédio da Companhia para com as reclamações da classe.

Júlio Carrasquinho, pela Federação Nacional Corticeira, refere-se também ao movimento da sua classe cujas tradições revolucionárias lhe impõem no futuro de grandes reivindicações.

Artur Parente, pela U. S. O., mostra a necessidade de levantarmos uma campanha energética onde no go é no seja afirmado que «os os preços regrassam à metrópole ou nós iremos todos para a África».

Esta ideia é aplaudida, sendo imediatamente posta em prática por uma comissão composta dos delegados da Federação da Construção Civil, Indústria Mobiliária, Sindicato Único da Metalmecânica e Operários do Município. Esta questão rendeu 32\$33, que foram entregues à U. O. N.

Armando Martins, pelo pessoal da Carris de Ferro, relata as marchas efectuadas para a solução do conflito levando ontem por intermédio da Companhia para com as reclamações da classe.

Júlio Carrasquinho, pela Federação Nacional Corticeira, refere-se também ao movimento da sua classe cujas tradições revolucionárias lhe impõem no futuro de grandes reivindicações.

Artur Parente, pela U. S. O., mostra a necessidade de levantarmos uma campanha energética onde no go é no seja afirmado que «os os preços regrassam à metrópole ou nós iremos todos para a África».

Esta ideia é aplaudida, sendo imediatamente posta em prática por uma comissão composta dos delegados da Federação da Construção Civil, Indústria Mobiliária, Sindicato Único da Metalmecânica e Operários do Município. Esta questão rendeu 32\$33, que foram entregues à U. O. N.

Armando Martins, pelo pessoal da Carris de Ferro, relata as marchas efectuadas para a solução do conflito levando ontem por intermédio da Companhia para com as reclamações da classe.

Júlio Carrasquinho, pela Federação Nacional Corticeira, refere-se também ao movimento da sua classe cujas tradições revolucionárias lhe impõem no futuro de grandes reivindicações.

Artur Parente, pela U. S. O., mostra a necessidade de levantarmos uma campanha energética onde no go é no seja afirmado que «os os preços regrassam à metrópole ou nós iremos todos para a África».

Esta ideia é aplaudida, sendo imediatamente posta em prática por uma comissão composta dos delegados da Federação da Construção Civil, Indústria Mobiliária, Sindicato Único da Metalmecânica e Operários do Município. Esta questão rendeu 32\$33, que foram entregues à U. O. N.

Armando Martins, pelo pessoal da Carris de Ferro, relata as marchas efectuadas para a solução do conflito levando ontem por intermédio da Companhia para com as reclamações da classe.

Júlio Carrasquinho, pela Federação Nacional Corticeira, refere-se também ao movimento da sua classe cujas tradições revolucionárias lhe impõem no futuro de grandes reivindicações.

Artur Parente, pela U. S. O., mostra a necessidade de levantarmos uma campanha energética onde no go é no seja afirmado que «os os preços regrassam à metrópole ou nós iremos todos para a África».

Esta ideia é aplaudida, sendo imediatamente posta em prática por uma comissão composta dos delegados da Federação da Construção Civil, Indústria Mobiliária, Sindicato Único da Metalmecânica e Operários do Município. Esta questão rendeu 32\$33, que foram entregues à U. O. N.

Armando Martins, pelo pessoal da Carris de Ferro, relata as marchas efectuadas para a solução do conflito levando ontem por intermédio da Companhia para com as reclamações da classe.

Júlio Carrasquinho, pela Federação Nacional Corticeira, refere-se também ao movimento da sua classe cujas tradições revolucionárias lhe impõem no futuro de grandes reivindicações.

Artur Parente, pela U. S. O., mostra a necessidade de levantarmos uma campanha energética onde no go é no seja afirmado que «os os preços regrassam à metrópole ou nós iremos todos para a África».

Esta ideia é aplaudida, sendo imediatamente

Não se pode morrer

Não se pode viver e, desgraçadamente, também não se pode morrer, em Lisboa.

Não sei doura encravado maior nem é possível que a haja.

Não se pode viver porque os ganhos não chegam para isso e não se pode morrer porque uma sepultura e um caixão de pinho originam uma despesa que não está ao alcance de todos os bolsos, a não ser que à família do defunto não se lhe dé que este seja sepultado a par da nação em comum, o que, não sendo prejudicial nem inconditivo para o morto colide, por via de resto, com os sentimentos piedosos e devotos dos seus mais próximos parentes e amigos.

Para cumulo de infelicidade, no que respeita à carestia da vida, temos que arcar com a carestia da morte, agravada agora com a taxa da licença camarária, na importância de um escudo e tanto por an, só para agradar a superfície das sepulturas nos cemitérios da cidade, independentemente da despesa resultante dessa págua que não aquece nem arrefece o morto mas que sem dúvida, dá algum alívio aos seus parentes, contribuindo para amansar o aspecto desagradável do pretenso campo da igualdade que, no fim de contas é um campo de privilégios como qualquer outro e uma mina preciosa para a Câmara à qual, por isso mesmo, não convém o funcionamento dos fórmulos crematórios, também prejudicios à indústria funerária, pelo se explica perfeitamente a demora que tem havido na conclusão do fórmulo crematório do cemitério oriental que vai desembocando numa segunda edição, correcta aumentada, das obras de Santa Engrácia.

De maneira que, presentemente, não se pode morrer, em Lisboa nem por um decreto.

No écran municipal

Alem do que deixei dito temos ainda o caso das bichas para receber sepultura que, não incomodando os mortos, incomoda e prejudica sobremaneira os seus parentes ou amigos que pretendem sepultá-los.

Essas bichas, que haviam terminado com a declinação da gripe pneumónica e do tifo exantemático, dois males principalmente de miséria, como está avançado e reconhecido, voltaram agora ao écran das fitas municipais, em consequência da greve do pessoal camarário, declarada há uns poucos de dias e cuja solução seria para admirar que tivesse já encontrado, dada a actividade chinesa com que em Portugal se trata dos mais importantes assuntos, o que não deve causar estranheza num país que, como é natural, é uma montureira de características e consciências à beira marplatense.

Longe de mim a intenção e o pensamento de repudiar a greve do pessoal da Câmara, cujas reclamações não carecem de fundamento e de justiça, quanto é certo que elas são motivadas pela carestia da vida, sem outro qualquer intuito.

Brinquedo mortífero

O certo é, porém, que a Câmara vai protraindo a situação, recorrendo a simples palavras, sem a menor vantagem para os mísicos, ao passo que o lixo se vai acumulando nas ruas, ao lado das valetas, o que constitui um grande perigo para a população da cidade, tanto mais que o dito lixo já serve, por toda a parte, de brinquedo às crianças do povo que, não tendo jardim para as suas diversões, entretêm a respectiva debilidade brincando com a morte que se oculta e reside necessariamente nos detritos lançados à ruas pela população da cidade que não há de comê-los nem refê-los em casa, onde

José BENEDY

Agreve corticeira

Pessoal da Carris de Ferro

A greve declarada no dia 1.º de Maio, mantém-se

Os camaradas da Companhia Carris de Ferro declararam-se, conforme no nosso último número, noticiámos, em greve. O conflito foi motivado no facto de a Companhia se negar a dar o aumento que prometia enquanto o município não autorizar a elevar as tarifas, aumento que a comissão administrativa não parece disposta a conceder.

Nas imediações das estações de Santo António e Arco do Cego circulam patrulhas de cavalaria. Os grevistas mantêm a atitude pacífica, que em identicas circunstâncias têm guardado.

Devido à falta de transportes, os automóveis e carruagens de praça sofreram um verdadeiro assalto, sendo a distribuição da correspondência feita pelos carteiros em "camões" do exército.

CONSELHO DE FOLGOS DA U. D. M.

Os deportados

Regresso do Vale de S. Tiago o nosso camarada Alfredo Pinto, que foi obter os requerimentos, exigidos pelo ministro do interior, das famílias dos deportados. Em face desses requerimentos, o governo, conforme afirmou o presidente do ministério e ministro do interior, dr. Domingos Pereira, ao mesmo camarada e ao advogado deste conselho, vai ordenar, telegraficamente, o regresso dos camaradas deportados.

As perseguições aos rurais

Alfredo Pinto veio verdadeiramente impressionado com as perseguições que em Vale de S. Tiago tem continuado a exercer-se e se está exercendo contra os trabalhadores rurais daquela região. As mulheres são insultadas pelos lavradores e por seus mandatários. Os homens são ameaçados e não raro sofrem violências. Tudo quanto A Batalha tem escrito sobre o assunto é absolutamente exacto. A situação é insustentável. A excitação entre os rurais é muito grande e podem ser graves as consequências desse estado de coisas.

Isso mesmo foi exposto pelo conselho jurídico ao ministro do interior, que ordenou a um dos seus secretários que tomasse os necessários apontamentos para enviar ao governador civil um detalhado e energético telegrama com as indicações para pôr cobro imediato a este verdadeiro crime. Assim o esperamos os operários vidreiros de Amora.

Leiam todos — Um folheto de sua propriedade

Em tempo de eleições... Pregão 2 centavos

Hasta administrado em 20 de Abril de 1919

A Sociedade das Nações

Um protesto de Afonso Costa contra a entrada de um representante de Espanha no comité executivo

PARIS, 30 de Abril. — O sr. dr. Afonso Costa, primeiro delegado de Portugal que como se sabe protestou na assembleia plenária de 28 p. p. contra a nomeação dum representante de Espanha, país neutro, como membro do comité executivo da sociedade das Nações declarou no «Matin» que nunca tivera a ideia de visar este ou aquele país, mas julga que a sociedade das nações, organizada eposta em movimento pelos beligerantes aliados não pode ser governada por neutros. O pacto das nações establece formalmente no artigo 4.º que nenhum neutro é ainda membro da sociedade das nações. Segundo a declaração final do pacto, 13 estados neutros são com efeito convocados a fazer parte do dito pacto mas segundo o artigo 1.º não serão considerados como membros senão depois de ter feito a declaração de aceitação ao secretariado nos dois meses de entrada em vigor no pacto e de que será feita a notificação aos outros membros da sociedade.

Estes princípios como vós mesmo o deveis reconhecer, opõe-se à escolha imediata de um neutro para conselheiro da Liga. — H.

O julgamento do ex-kaiser será feito por cinco juizes, representantes das grandes potências.

LONDRES 1 a 15 e 30. — O Daily Telegraph de Paris diz que o relatório da comissão encarregada de revogar os crimes da guerra é de parecer que o ex-kaiser seja julgado por 5 juizes representando as grandes potências pelo crime de violação da moralidade internacional e do carácter solenemente obrigatório dos tratados.

A conferência exigirá a extradição do ex-kaiser. — H.

Os vidreiros da Amora

Interessantes pormenores e esclarecimentos — Protesto contra uma calúnia tendenciosa

Comunicava-nos a Associação dos Vidreiros da Amora que continuam encerradas as fábricas de garrafas daquele localidade, do que resulta 800 operários sem pão, pequeno incidente sem importância.

Otocios operários lutando com a fome, quando a companhia das fábricas não sabe o que isso é.

Dai a sua temosia em não reabrir as fábricas.

Será por não ter assegurada a venda das garrafas?

Por certo que não.

Será para causar embarracos ao Estado?

Quem sabe!

A exceção dum dos seus directores, todos os maiores são rifiengos.

Mas que culpa terão os operários desse jogão?

O Estado tem obrigação de prestar atenção a este assunto para acudir à precária situação desses nossos camaradas.

No Porto há grande falta de garrafas, sendo preciso comprar noutras fábricas garrafas brancas, para não faltar os contratos, comprando-se também todas as usadas que aparecem e pondonhadas rótulos em que se pede desculpa a fregueses pretas por não haverem fornecido.

Por certo que não.

Será para causar embarracos ao Estado?

Quem sabe!

A exceção dum dos seus directores, todos os maiores são rifiengos.

Mas que culpa terão os operários desse jogão?

O Estado tem obrigação de prestar atenção a este assunto para acudir à precária situação desses nossos camaradas.

No Porto há grande falta de garrafas,

sendo preciso comprar noutras fábricas garrafas brancas, para não faltar os contratos, comprando-se também todas as usadas que aparecem e pondonhadas rótulos em que se pede desculpa a fregueses pretas por não haverem fornecido.

Por certo que não.

Será para causar embarracos ao Estado?

Quem sabe!

A exceção dum dos seus directores, todos os maiores são rifiengos.

Mas que culpa terão os operários desse jogão?

O Estado tem obrigação de prestar atenção a este assunto para acudir à precária situação desses nossos camaradas.

No Porto há grande falta de garrafas,

sendo preciso comprar noutras fábricas garrafas brancas, para não faltar os contratos, comprando-se também todas as usadas que aparecem e pondonhadas rótulos em que se pede desculpa a fregueses pretas por não haverem fornecido.

Por certo que não.

Será para causar embarracos ao Estado?

Quem sabe!

A exceção dum dos seus directores, todos os maiores são rifiengos.

Mas que culpa terão os operários desse jogão?

O Estado tem obrigação de prestar atenção a este assunto para acudir à precária situação desses nossos camaradas.

No Porto há grande falta de garrafas,

sendo preciso comprar noutras fábricas garrafas brancas, para não faltar os contratos, comprando-se também todas as usadas que aparecem e pondonhadas rótulos em que se pede desculpa a fregueses pretas por não haverem fornecido.

Por certo que não.

Será para causar embarracos ao Estado?

Quem sabe!

A exceção dum dos seus directores, todos os maiores são rifiengos.

Mas que culpa terão os operários desse jogão?

O Estado tem obrigação de prestar atenção a este assunto para acudir à precária situação desses nossos camaradas.

No Porto há grande falta de garrafas,

sendo preciso comprar noutras fábricas garrafas brancas, para não faltar os contratos, comprando-se também todas as usadas que aparecem e pondonhadas rótulos em que se pede desculpa a fregueses pretas por não haverem fornecido.

Por certo que não.

Será para causar embarracos ao Estado?

Quem sabe!

A exceção dum dos seus directores, todos os maiores são rifiengos.

Mas que culpa terão os operários desse jogão?

O Estado tem obrigação de prestar atenção a este assunto para acudir à precária situação desses nossos camaradas.

No Porto há grande falta de garrafas,

sendo preciso comprar noutras fábricas garrafas brancas, para não faltar os contratos, comprando-se também todas as usadas que aparecem e pondonhadas rótulos em que se pede desculpa a fregueses pretas por não haverem fornecido.

Por certo que não.

Será para causar embarracos ao Estado?

Quem sabe!

A exceção dum dos seus directores, todos os maiores são rifiengos.

Mas que culpa terão os operários desse jogão?

O Estado tem obrigação de prestar atenção a este assunto para acudir à precária situação desses nossos camaradas.

No Porto há grande falta de garrafas,

sendo preciso comprar noutras fábricas garrafas brancas, para não faltar os contratos, comprando-se também todas as usadas que aparecem e pondonhadas rótulos em que se pede desculpa a fregueses pretas por não haverem fornecido.

Por certo que não.

Será para causar embarracos ao Estado?

Quem sabe!

A exceção dum dos seus directores, todos os maiores são rifiengos.

Mas que culpa terão os operários desse jogão?

O Estado tem obrigação de prestar atenção a este assunto para acudir à precária situação desses nossos camaradas.

No Porto há grande falta de garrafas,

sendo preciso comprar noutras fábricas garrafas brancas, para não faltar os contratos, comprando-se também todas as usadas que aparecem e pondonhadas rótulos em que se pede desculpa a fregueses pretas por não haverem fornecido.

Por certo que não.

Será para causar embarracos ao Estado?

Quem sabe!

A exceção dum dos seus directores, todos os maiores são rifiengos.

Mas que culpa terão os operários desse jogão?

O Estado tem obrigação de prestar atenção a este assunto para acudir à precária situação desses nossos camaradas.

No Porto há grande falta de garrafas,

sendo preciso comprar noutras fábricas garrafas brancas, para não faltar os contratos, comprando-se também todas as usadas que aparecem e pondonhadas rótulos em que se pede desculpa a fregueses pretas por não haverem fornecido.

Por certo que não.

Será para causar embarracos ao Estado?

Quem sabe!

A exceção dum dos seus directores, todos os maiores são rifiengos.

Mas que culpa terão os operários desse jogão?

O Estado tem obrigação de prestar atenção a este assunto para acudir à precária situação desses nossos camaradas.

No Porto há grande falta de garrafas,

sendo preciso comprar noutras fábricas garrafas brancas, para não faltar os contratos, comprando-se também todas as usadas que aparecem e pondonhadas rótulos em que

